Algodão

Novas fronteiras na África

Giuliano Senatore*
Marcos Matos*

OS PRÓXIMOS anos serão marcados por novos entrantes na produção mundial de algodão. Alguns países já se movimentam para atrair investimentos para essa cadeia de valor, que agrega vários segmentos de negócio, gera divisas, empregos e distribuição de renda. A cadeia de produção do algodão abrange diferentes segmentos, tais como: produção de sementes, fertilizantes, defensivos, máquinas e implementos agrícolas, indústria de máquinas têxteis, fiação, confecção, distribuição, entre outros. Constitui-se em um dos principais exemplos de agregação de valor e diversificação de mercados.

Capacidade produtiva e disponibilidade de mão de obra constituem-se uma importante vantagem competitiva para esse mercado. Alguns países da África subsaariana despontam desde já como potenciais *players*, por apresentarem condições favoráveis de clima, solo e relevo, assim como existência de extensas áreas sem ocupação e, em grande parte, já degradadas, que podem ser convertidas em sistemas produtivos para a instalação de grandes projetos.

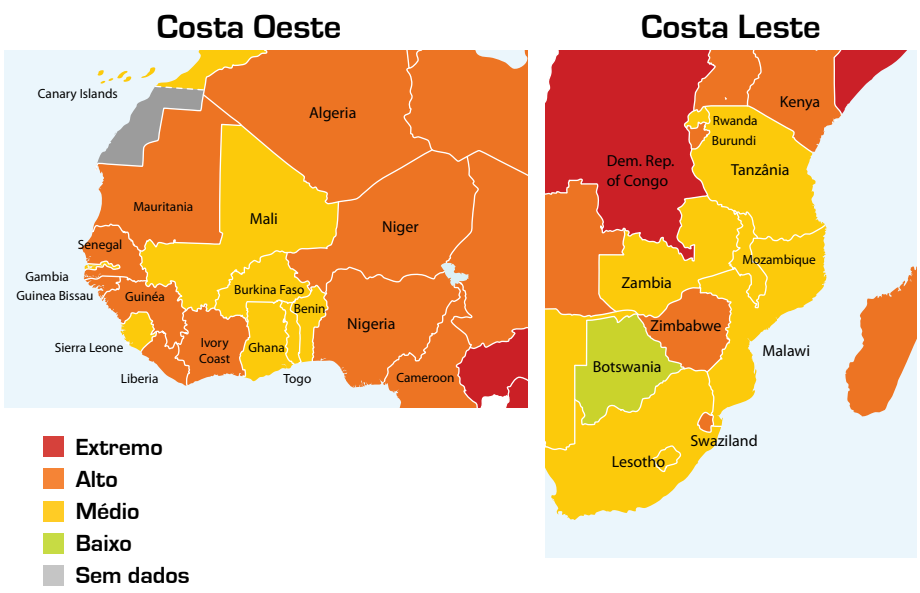
Nesse sentido, países africanos têm solicitado ao governo brasileiro cooperações técnicas para o desenvolvimento desse setor. O programa Cotton 4 é um bom exemplo, no qual um grupo de países localizados na África Ocidental, composto por Benin, Burkina Faso, Chade e Mali, tradicionais na produção de algodão e recordistas no continente africano, vem buscando melhor competitividade do setor. No entanto, eles ainda enfrentam grandes dificuldades. Em linhas gerais, os maiores obstáculos são: oscilação dos preços internacionais do algodão, infraestrutura precária, manejo agrícola inadequado, acesso a materiais genéticos modernos, gestão de variedades deficiente, ausência de crédito agrícola, mão de obra desqualificada, entre outros.

Apesar dos problemas, a cotonicultura possui papel fundamental na economia dos países do Cotton 4. Com processamento de fibra ainda incipiente, a maior parte da exportação é de algodão bruto (fibra) e, apesar da volatilidade de preços da *commodity* no mercado internacional, constitui-se em importante fonte de divisas para a balança comercial do grupo.

A produção dos países do Cotton 4 é realizada, em sua maioria, por comunidades de agricultores tradicionais e representa uma das melhores opções para integração de agricultores locais e a agroindústria. No entanto, condições mínimas devem ser atingidas para encorajar investimentos no setor.

Com relação à baixa eficiência produtiva, muito se deve ao desconhecimento

Mapa de risco político (costa oeste e leste africana)



Fonte: Maplecroft, 2012

dos atributos de solo e clima locais, o que dificulta o planejamento ideal com relação à época e locais ideais para o cultivo. Apesar de tentativas recentes de modernização, com ênfase à assistência e extensão rural, muito ainda deve ser realizado para que o Cotton 4 desenvolva o setor cotonícola. No entanto, exemplos recentes de extensão rural no Brasil indicam que pequenas melhorias em tecnologia e manejo resultam em saltos de rendimento e qualidade, exemplo que, entre outros, evidencia a necessidade de um planejamento estratégico para o grupo.

Um caminho que poderá ser seguido pelos países do Cotton 4 é estimular a vinda de investidores estrangeiros, isoladamente ou em parceria com grupos locais. Novos projetos com tecnologia de ponta são mais eficientes, já que podem produzir com menor custo e maior qualidade. Atualmente, a produção local é pouco competitiva no mercado internacional, o que reflete negativamente na base da cadeia produtiva: o produtor rural africano.

Para a promoção de investimentos, os governos africanos deverão cumprir seu papel: criar condições para minimizar a percepção de risco do investidor. Atualmente, os principais riscos relacionam-se com instabilidade política, notoriamente as guerras, desapropriações e quebras de contrato. O Cotton 4 localiza-se na costa oeste do continente africano, região ainda caracterizada por conflitos políticos e sociais que têm desencorajado investimentos de grande porte.

No entanto, apesar de existirem novos aspectos que têm encorajado ações no continente africano, a estruturação de fundos de investimentos, com ênfase ao desenvolvimento e implantação de projetos na área de alimentos e bioenergia do continente africano, revelam o progresso macroeconômico da região. Foi observada redução da relação dívida/PIB da África na última década, quando se recuou de 90% para 59% do PIB, patamar inferior ao de muitos países da União Europeia. Atualmente, a inflação média é de 8%, abaixo daquelas taxas observadas em países como Rússia e Índia.



SXC.HU

Caso os governos africanos da costa oeste criem condições mínimas para reduzir riscos, considerando-se as condições de clima e solos favoráveis, os custos de produção mais baixos do que em outros países produtores, a ausência de custos com aquisição de terras (na maioria dos países africanos, a terra é propriedade do Estado, sendo concedida aos produtores rurais) e a proximidade dos principais mercados (Ásia, Europa e África), a vinda de investimento estrangeiro é um caminho natural. Essas condições favoráveis, com ênfase ao baixo custo de produção, permitem também a produção industrial com valor agregado, permitindo, além da produção agrícola do algodão, produção de pluma, fios e tecidos. O avanço na cadeia produtiva é bastante benéfico, pois aquece a economia local, gera mão de obra qualificada e divisas aos países.

O Cotton 4 poderá receber investimentos de empresários brasileiros, desde que os quatro países africanos criem condições mínimas para tal. Entre elas, o planejamento territorial, por meio de zoneamentos ecológicos econômicos que destaquem as terras mais propícias ao cultivo, poderá ser um primeiro passo. Polos produtivos de algodão podem ser desenvolvidos, inclusive com parcerias público-privadas e com participação do terceiro setor. Condições especiais de incentivos fiscais são bem-vindas, podendo motivar investidores interessados em atingir novos mercados, como o asiático e o europeu. Grupos brasileiros já iniciaram investimentos em produção de soja em países africanos e o Cotton 4 poderá ser a próxima fronteira. ■

* Consultor FGV Projetos / GV AGRO